

Fabrício Carpinejar

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Tenho a sincera percepção de que sou adubo, pasto para gerações futuras. Tentarei fazer meu melhor – o máximo que puder – para que novos poetas venham e tenham a capacidade de produzir a síntese de nosso tempo. Para gerar um clássico, alguém tem que segurar a escada. Fico ali embaixo, com as duas mãos e o sentimento do meu pátio.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

O poema tem a velocidade de um desaforo, permite utilizar a rapidez a seu favor, procurando ampliar espaços de intensidade e densidade e articular pontos de dispersão e incoerência. É capaz de usar a própria espetacularização como arrancada para a inversão de pontos de vista e questionar as fragilidades dos condicionamentos. Não há erva venenosa – que destilada – não cure alguma coisa.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Acredito que seja a família. Toda a minha obra poética gira no mesmo tema obsessivo: a relação familiar com o mundo e o mundo secreto em que a família filtra as relações sociais. Não mudo meu foco, giro meu ponto de vista. Desloco a minha posição de olhar. Minha obra é uma verdadeira dança das cadeiras. Já fui o filho, a mãe, o irmão, o pai, o avô, o neto, a mulher. Cada livro é uma identidade exposta e fraturada de uma versão.

A poesia brasileira tem a responsabilidade de questionar, de procurar compreender os costumes e suas lacunas. Nenhum assunto está devidamente esgotado, a literatura desarquiva os demônios para aumentar a clareza. *Meu filho, minha filha* segue o fio da pandorga da família. Discute esse novo modelo de família, em que os filhos têm duas casas, os pais ainda estão confusos entre a democracia e a falta de limites e os padrastos e madrastas procuram a autenticidade de sua inserção na educação dos enteados. Perguntar é se comover. Responder é não sair do lugar. Poesia pergunta sobre pergunta. O amor somente cresce na dúvida.

Como você pensa a forma literária?

Eu sou a minha respiração. Nem sempre grito. Suspiro, sussurro, gemo. Cada poesia é uma nuance do sopro. O poeta é aquele que não sai da adolescência e vive mudando a voz – para não perder o impacto de dizer.

Fabrício Carpinejar (1972) é autor dos livros de poesia *As solas do sol* (Bertrand Brasil, 1998), *Terceira sede* (Escrituras, 2001), *Biografia de uma árvore* (Escrituras, 2002), *Caixa de sapatos* (Companhia das Letras, 2003), *Cinco Marias* (Bertrand Brasil, 2004), *Como no céu* e *Livro de visitas* (Bertrand Brasil, 2005), *Meu filho, minha filha* (Bertrand Brasil, 2007), *Um terno de pássaros ao sul* (Bertrand Brasil, 2008), *Canalha!* (Bertrand Brasil, 2008); e do livro de crônica *O amor esquece de começar* (Bertrand Brasil, 2006), e outros.